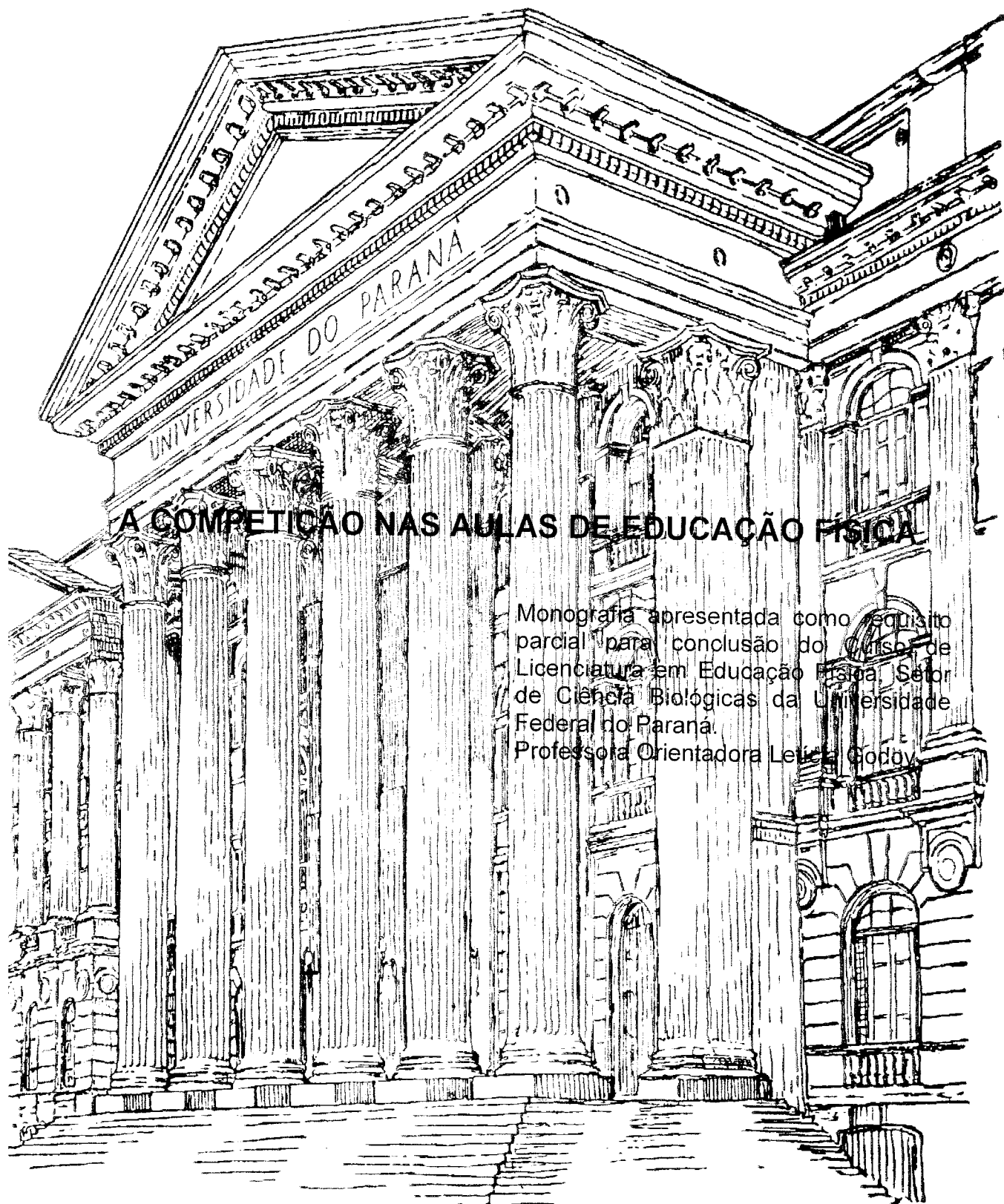


ANDRÉA FINGER



A COMPETIÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Professora Orientadora Leiza Godoy

CURITIBA

1998

ANDRÉA FINGER

A COMPETIÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, Setor de Ciência Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Professora Orientadora Letícia Godoy

**CURITIBA
1998**

Dedico à minha família, ao noivo, aos amigos e professores que estiveram presente em cada momento, incentivando e dando forças para que eu chegasse ao fim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas as pessoas que contribuíram para que eu pudesse terminar este trabalho.

À Orientadora e amiga, Professora Letícia Godoy, pela dedicação e profissionalismo, por sua colaboração fundamental.

Ao noivo Segei, pela compreensão e carinho durante esta jornada.

Aos meus pais, que preocuparam-se e torceram por mim o tempo todo.

Obrigada a todos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	A APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	1
1.2	OBJETIVOS	2
1.3	JUSTIFICATIVA	2
2	REVISÃO DA LITERATURA	4
2.1	BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL.....	4
2.2	DEFINIÇÃO DE COMPETIÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O JOGO	8
2.3	OPINIÃO DOS AUTORES QUE ESTUDAM A COMPETIÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	11
3	METODOLOGIA	17
4	CONCLUSÃO	18
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

RESUMO

A competição está presente nas aulas de Educação Física através de contestes, jogos e estafetas. Teve maior ênfase na Educação Física Escolar a partir da Tendência Competitivista, mas é visível até nos dias de hoje.

Autores como FREIRE (1989) e BRACHT são contra a Competição, assim como apresenta-se nas aulas de Educação Física Escolar, que tem preocupam-se em formar campeões esquecendo-se dos verdadeiros propósitos da Educação Física e da individualidade dos alunos.

Concordam também que a Competição pode existir na escola, desde que os alunos respeitem seus colegas, não tendo-os como rivais; e que os professores não vejam seus alunos como atletas, respeitando-os de acordo com suas limitações e individualidades.

Outra perspectiva é de que a escola pode servir como meio para identificar futuros campeões e encaminha-los para que possam seguir um treinamento fora das aulas de Educação Física.

Porém é preciso levar em consideração a idade da criança ao inseri-la em atividades competitivas complexas.

1 INTRODUÇÃO

1.1 A APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Ao observarmos as aulas de Educação Física podemos notar atividades baseadas na competição entre os alunos.

A Educação Física como disciplina curricular nas escolas de 1º e 2º graus, ao que pudemos observar apresenta, na sua maioria, aulas ministradas sobre a forma de contestes, estafetas ou jogos propriamente ditos, enfatizando dessa forma a atitude competitiva.

Sendo assim, a competição enquanto “disputa entre indivíduos” está posta na sociedade, no cotidiano bem como nas escolas. Como cita FREIRE (1989): “Se hoje, na sociedade tecnocrática em que vivemos, a competição tomou um rumo que ameaça nossa sobrevivência, não creio, apesar disso, que tenhamos ultrapassado um estágio evolutivo que nos permita sobreviver sem ela”. (p. 151).

Por saber que as atividades competitivas nas aulas de Educação Física representam um campo de estudo em desenvolvimento na área da Educação Física é que surgiu o interesse em aprofundar-se neste tema.

Na tentativa de encontrar alguns dos diferentes pontos de vista a respeito do tema apontado formulamos alguns questionamentos norteadores do nosso estudo. Neste sentido,

buscamos através de um trabalho de resgate bibliográfico responder questões como: o que é competição; qual sua origem histórica enquanto tendência da Educação Física; a partir de que idade as crianças estarão aptas a participar destas atividades competitivas?

1.2 OBJETIVOS

Para melhor ilustrar o que é competição dentro das aulas de Educação Física, o objetivo deste trabalho é fazer um breve histórico da Educação Física escolar no Brasil e para compreender sua trajetória, identificar em que momento houve ênfase no aspecto da competição.

Conceituar jogo e competição no contexto escolar, e saber se estão de acordo com os objetivos educacionais propostos pela Educação Física.

Por fim, fazer uma análise dos diferentes pontos de vista dos autores que estudam a competição, fazendo um levantamento dos pontos julgados positivos e negativos.

1.3 JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se pela importância que pode vir a ter junto aos professores de Educação Física que não sentem-se seguros ao aplicarem atividades competitivas nas aulas de Educação Física. Com este trabalho pretendemos que os professores tenham um ponto de referência, um material de apoio para quando surgirem dúvidas ao montarem suas aulas podendo então, auxiliar no seu

planejamento no que diz respeito as atividades competitivas que serão inseridas nas aulas de Educação Física.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL

No final do século XIX e começo do século XX a Educação Física era compreendida como sinônimo de saúde, como regeneradora da raça, das virtudes e da moral.

Segundo TOLKMITT (1997), a Ginástica Alemã é introduzida no Brasil, em 1860, através da Academia Real Militar. Esta Ginástica seguia os propósitos militares de adestramento e preparação para a defesa da Pátria. Nos Colégios brasileiros a Ginástica foi introduzida a partir de 1874.

As concepções da Educação Física brasileira foram mudando à medida que os anos foram passando.

A primeira tendência, a Higienista, esteve no auge até 1930. Para tal concepção, “cabe a Educação Física um papel fundamental na formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação [...]. Para tal concepção a ginástica, o desporto, os jogos recreativos, etc., devem, antes de qualquer coisa, disciplinar os hábitos das pessoas no sentido de levá-las a se afastarem de práticas capazes de provocar a deterioração da saúde e da moral, o que comprometeria a vida coletiva”. (GHIRALDELLI, 1988, p. 17).

A segunda concepção, da Educação Física Militarista (1930-1945), tem como fundamental objetivo a “obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra.” (GHIRALDELLI, 1988, p. 18).

TOLKMITT (1997), faz uma análise das tendências da Educação Física, usando da divisão das concepções de Educação. A primeira, Escola Tradicional, refere-se a Educação Física Higienista e Militarista. Nela o aluno era adestrado, reproduzindo passivamente ao modelo que era passado pelo professor. Os conteúdos da Educação Física reduziam-se aos métodos usados na instrução militar, como o método francês e o alemão.

Depois da Educação Física Higienista da década de 20 e da Educação Física Militarista, década de 30; o enfoque agora é para a Educação Física sustentada pela Tendência Sócio-pedagógica ou Pedagogicista.

A Educação Física Escolar brasileira não teve apenas uma vertente metodológica dominante, mas várias, e sempre influenciadas pelos interesses político-econômicos da época.

A difusão progressiva das discussões pedagógicas, que tomaram impulso com as investigações sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente, colocou em questão o formalismo e a rigidez dos métodos de Educação Física vigentes. Assim, na década de 1950, a Educação Física desportiva generalizada foi, paulatinamente, substituindo os métodos de inspiração médico-militar, fato que levou a uma progressiva identificação da Educação Física com o esporte”. (KOLYNIK, 1996, p. 43).

A tendência Pedagogicista (1945-1964), é a concepção que vai reclamar da sociedade a necessidade de encarar a Educação

Física não somente como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas de encarar a Educação Física como uma prática eminentemente educativa. E, mais que isso, ela vai advogar a “educação do movimento” como única forma capaz de promover a chamada “educação integral.” (GHIRALDELLI, 1998, p. 19).

Na classificação de TOLKMITT (1997), a Educação Física Pedagogicista refere-se a concepção Escola Novista. Os exercícios não são executados por obrigação e sim por prazer. As aulas, através das “atividades livres”, encaminham os alunos para novas descobertas, tanto de aspectos psicológicos e afetivos como de postura corporal e hábitos higiênicos.

No início da década de 60, autores como TEIXEIRA e MAZZEI, citados por MARCHI (1994) buscaram fundamentar a Educação como um processo que começa e termina no próprio homem, e assim passaram a apresentar a Educação Física como:

Quer encarada como ciência, quer conceituada como arte, é a Educação Física meio seguro de se conseguir a diminuição da tensão nervosa em que vive o homem no mundo atual. Fortificando o corpo, plasma-se o espírito e forma-se o caráter. Consideramos ser primacial a concepção de se educar o homem, harmonizando os seus ideais como o ideal de vida que norteia a SOCIEDADE em que ele vive, pela qual vive e com a qual convive.” (TEIXEIRA e MAZZEI, in: MARCHI, 1994, p. 19).

A quarta tendência abordada é a Competitivista (pós 1964), “seu objetivo fundamental é a caracterização da competição e da superação individual como valores fundamentais e desejados para a sociedade moderna. A Educação Física Competitivista volta-se,

então, para o culto do atleta-herói; aquele que a despeito de todas as dificuldades chegou ao *podium*.” (GHIRALDELLI, 1988, p. 2).

A Escola Tecnicista, para TOLKMITT (1997), engloba a tendência da Educação Física Competitivista. Para esta concepção, o aluno passa a ser visto como atleta e o professor como técnico. A escola tem como tarefa dar a base do treinamento desportivo.

A partir de 1964, com a criação da Lei 6.251/75, a Educação Física brasileira passa a ter como objetivo principal, a maior participação estudantil e popular em práticas desportivas e o aprimoramento técnico dos desportistas, para melhorar o desempenho em competições internacionais.

As competições desportivas estudantis então, tendem a funcionar como articuladoras políticas, desviando a atenção dos estudantes de questões políticas.

KOLYNIAK (1996), justifica a supervalorização do esporte na época apontando outras tendências:

Outra razão para a valorização do esporte era a intenção de melhorar o desempenho dos atletas brasileiros em competições internacionais, como os Jogos Olímpicos e os Jogos Panamericanos. Essa melhoria poderia contribuir para projetar, no cenário político internacional, a imagem de um Brasil em desenvolvimento – fato que colaboraria para legitimar a ditadura militar implantada à força.” (KOLYNIAK, 1996, p. 46).

Segundo KOLYNIAK (1996), no período de 1969 a 1980 a Educação Física valorizou muito o esporte e os professores atuavam como verdadeiros “caçadores de talentos”, visando vitórias em

competições estudantis e encaminhamento dos alunos mais hábeis para a prática desportiva em clubes.

TOLKMITT (1997), ainda cita a Escola Histórico-Crítica, onde a Educação Física segue a tendência Progressista. Vejamos os propósitos desta concepção:

Pretendemos que a Educação Física deva trabalhar com o corpo em movimento, à luz de uma visão histórico-crítica, rumo a uma sociedade pretendida, fazendo parte da educação institucionalizada... Entendemos que movimento humano é a expressão objetivada da consciência corporal, formada pelo conjunto das relações que compõe uma determinada sociedade e dos saberes sistematizados pela classe dominante sobre esta consciência corporal.” (TOLKMITT, 1997, p. 176).

2.2 DEFINIÇÃO DE COMPETIÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O JOGO

Para entendermos como a Competição passou a fazer parte das atividades aplicadas nas aulas de Educação Física, é preciso conhecer o seu real significado.

Afinal, o que quer dizer a palavra Competição?

BARBANTI (1994), define Competição como “disputa entre indivíduos, grupos (equipes) ou nações, que são alinhadas antes de acordo com o princípio de chance igual” (p. 52). Percebemos que esta definição é adequada a praticamente todos os segmentos do esporte em que a competição está presente.

Numa visão mais abrangente da Competição, sem nos limitar ao Esporte, podemos definir que:

A Competição é um processo de comparação social que ocorre quando formas alternativas de avaliação pessoal não estão disponíveis. Consiste numa situação de realização

social e, portanto, com variáveis psicológicas e sociais muito presentes como a auto-estima, a aceitação dentro de um grupo, o respeito às limitações individuais e às regras. O indivíduo procurará situações que proporcionam a obtenção de informações sobre si próprio comparando-se com determinados padrões sociais existentes". (FITINGER e MYERS in: VIANA, 1989).

Podemos considerar a Competição como uma categoria de jogo. Porém, não podemos dizer que jogo é sinônimo de Competição.

HUIZINGA (1990), define jogo como uma atividade livre, consciente tomada como "não-séria" e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. (p. 16):

Completa ainda dizendo que "é uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras." (HUIZINGA, 1990, p. 16).

Sendo assim qual a relação possível de ser estabelecida entre jogo e Competição? HUIZINGA (1990), esclarece esta dúvida dizendo: "[...] quanto a saber se temos o direito de incluir a competição na categoria de jogo, podemos sem hesitações responder afirmativamente." (p. 56).

E explica que, a Competição é desprovida de objetivos como em outras formas de jogo, pois começa e termina em si mesma, e que o resultado não influenciará no processo vital do grupo.

Porém, BARBANTI (1994), define jogo como "forma de competição prazerosa cujo resultado é determinado por habilidades

motoras, estratégias, ou chances, empregadas simplesmente ou em combinação.” (p. 175).

Por que, então, é tão importante para nós a Competição?

A vitória, a honra, o prestígio, a estima são o que impulsionam uma pessoa a competir, jogar. Algo mais além da honra que leva uma pessoa a competir pode ser o prêmio, que trás em si um valor simbólico ou material, ou simplesmente abstrato.

Por fim, HUIZINGA (1990), comenta sobre a importância da competição para o homem:

A competição não se estabelece apenas “por” alguma coisa, mas também “em” e “com” alguma coisa. Os homens entram em competição para serem os primeiros “em” força ou destreza, em conhecimentos ou riqueza, em esplendor, generosidade, ascendência nobre, ou no número de sua progenitura. Competem “com” a força do corpo ou das armas, com a razão ou com os punhos, defrontando-se uns aos outros com demonstrações extravagantes, com palavras, fanfarronadas, insultos, e finalmente também com astúcia.” (HUIZINGA, 1990, p. 59).

Sendo assim, MACHADO (1994), vê a importância que jogos também possuem, pois apresentam diversas experiências que proporcionam uma adaptação emocional, social e motora ao indivíduo. Além disso, é por meio do jogo que se educam a persistência, o auto-controle, a solidariedade, a cooperação, a integração... e outros valores que possibilitam uma maior autonomia em diferentes ocasiões. (p. 6-7).

2.3 OPINIÃO DOS AUTORES QUE ESTUDAM A COMPETIÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Numa tentativa de melhor visualizar a questão da Competição nas aulas de Educação Física Escolar, recorreremos a diversos autores que preocupados em atentar para as mudanças contemporâneas mais significativas, dissertaram sobre a presença deste aspecto.

Segundo SOARES (sem data), a Educação Física apresenta-se nos conteúdos de Ginástica, Jogos, Jogos Esportivos, Dança e Lutas. Podemos, então, considerar a competição presente em praticamente todos os conteúdos de ensino da Educação Física.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), prevêem a competição nas aulas de Educação Física como evidenciadores de competências, em que o professor deverá oportunizar situações para que todos os alunos participem ativamente das atividades, invertendo papéis sempre que possível, a fim de que todos vivenciem a mesma situação.

Vejamos a opinião dos diversos autores que estudam a competição nas aulas de Educação Física.

DAIUTO citado por MARCHI (1994), determina que a educação esportiva é responsabilidade da escola e define esporte como “uma necessidade individual e social, influência que se evidencia cada vez mais dentre as atividades do homem. É fonte de saúde e distração.” (p. 27).

Partindo do pressuposto que o esporte EDUCA através do FÍSICO, o autor acredita que a partir da prática desportiva, surgirá uma “elite” para as competições de alto nível. Não dando a escola a responsabilidade de “fazer campeões”, mas proporcionando aos que possuem habilidade e qualidades de desportistas, de seguirem seus treinamentos e aperfeiçoamento.

MIYAGIMA (1989), conceitua EDUCAÇÃO para tentar responder uma questão que é posta em dúvida por alguns profissionais: O ESPORTE EDUCA?

Verificou-se então, dois sentidos diferentes para a palavra Educação:

O sentido de “*educare*” supõe um movimento de fora para dentro, uma idéia de pôr na forma o indivíduo, para que melhor se adapte a uma condição social pré-existente. Por outro lado, a idéia de “*educare*” manifesta-se muito mais pela intenção de libertação de potencialidades que são latentes na pessoa humana e que dependem de estímulos para se manifestarem.” (MIYAGIMA, 1989, p. 31).

E continua: “Ouve-se com freqüência que o esporte educa, porque ensina a criança a conviver com a vitória e a derrota, ensina a respeitar as regras do jogo, ensina a competir (pois a vida é uma eterna competição), desenvolve a disciplina (simples obediência) etc...”. (MIYAGIMA, 1989, p. 32).

BRACHT, citado por MIYAGIMA (1989), adverte que a competição sendo um elemento motivador não precisa ser menosprezado, pois ela é desejável, na proporção que os competidores encaram seus oponentes como companheiros de jogo,

indesejável a partir do momento que encara-os como rivais, buscando a vitória a todo custo, e mais indesejável quando transforma estes em inimigos.” (p. 33).

GHIRALDELLI, citado por MIYAGIMA (1989), “ao propor uma Educação Física numa concepção Crítico-social dos Conteúdos, indica o desenvolvimento do esporte numa perspectiva histórica e social. Os alunos poderão levantar pontos críticos da história de uma determinada modalidade estabelecendo uma relação da sociedade na qual estes se inserem, com a do país que lhe deu origem.” (p. 32).

Assim, “o trabalho do professor deve ir além da pura e simples transmissão das técnicas do esporte, da dança, etc... É fundamental que o professor exerça a função de socializador da cultura erudita e que realmente a aula de educação Física se transforme num ambiente onde a riqueza cultural se estabeleça como trampolim para a crítica.” (GHIRALDELLI, in: MIYAGIMA, 1989, p. 33).

FREIRE (1989), autor que mais discute a competição nas aulas de Educação Física, quando fala sobre a competição nos jogos, afirma que negá-la é como banir o desporto dos conteúdos da Educação Física. E afirma que pouco se sabe sobre o caráter simbólico e representativo dos jogos e do brinquedo.

O jogo ou o esporte representam, num contexto lúdico, as ações individuais e coletivas das pessoas e da sociedade, portanto, a competição não nasce no jogo, mas é nele representada. Se a competição assume, na sociedade, o caráter predatório que

observamos atualmente, não é por culpa do jogo e nem será suprimindo deste o aspecto competitivo que o problema desaparecerá. (FREIRE, 1989).

E a respeito do modo como as competições são encaradas na escola cita:

São formadoras de campeões, selecionadoras de raça, disseminadoras de sentimentos preconceituosos, reprodutoras da forma mais abominável de competição que orienta as relações entre as pessoas de nossa sociedade, e que encontra sua expressão mais importante nos jogos olímpicos modernos. Vencer a qualquer custo é o lema que orienta a competição, nas relações sociais e nos jogos desportivos.” (FREIRE, 1989, p. 152).

Segundo FREIRE (1989), a “competição escolar” pode assumir funções mais condizentes com a “conduta humana”, como “elemento constitutivo da atividade lúdica da criança, cumprindo um papel fundamental de encaminhar para a cooperação.” (p. 157).

O Esporte, conseqüentemente a Competição, pode ser, ou não, ensinado enquanto conteúdo da Educação Física. O agravante é o Esporte enfatizando a competição, o que requer muitos cuidados, respeitando sempre as características individuais do aluno, bem como suas limitações.

Segundo GO TANI (1996), o Esporte como conteúdo da Educação Física tem as seguintes características:

Objetiva o ótimo de rendimento, respeitando as características individuais, as expectativas e as aspirações das pessoas, ocupa-se com a pessoa comum, preocupando-se não apenas com o seu potencial mas também com a sua limitação; visa à aprendizagem e portanto submete pessoas à prática vista como um processo de solução de problemas

motores; orienta-se para a generalidade, dando oportunidades de acesso a diferentes modalidades; enfatiza o processo e não o produto em forma de rendimento ou recordes, e essa orientação resulta na difusão do esporte como um patrimônio Cultural.” (GO TANI, 1996, p. 35-36).

Segundo FARINATTI (1995), o comportamento competitivo; cooperativo manifesta-se de forma a ser detectado por volta dos 4/5 anos, assim mesmo de forma esporádica e em algumas crianças (p. 51).

SHERIF e RATTRAY sugerem que um amadurecimento intelectual para que se consiga estabelecer objetivos de desempenho, ainda que individualmente, só seja possível aos 6 anos, assim mesmo com baixo nível de abstração. A evolução intelectual a partir daí possibilitaria com que paulatinamente fossem induzidas, de acordo com as limitações da criança, concepções de regras, casualidade e papéis desempenhados em contextos determinados, com interações mais complexas (SHERIF e TATTRAY in: FARINATTI, 1995).

Para NELSON, citado por FARINATTI (1995), a competição, na idade de 6/7 anos, com outras crianças pode interferir negativamente no aprendizado, em função da necessidade de decisões rápidas, para as quais a criança ainda não está preparada. Nesta idade, por não oferecer vantagens, a competição deveria ser evitada. Para esta idade são sugeridas habilidades em sistemas fechados, como correr e nadar.

Dos 10 aos 12 anos, a criança sente muita necessidade de movimento e muito interesse por atividades competitivas. A este respeito FARINATTI (1995), diz que, a maioria das crianças já tem capacidade de competir em atividades complexas, mas deve-se ainda

evitar práticas demasiadamente orientadas e principalmente, aprendizagem errônea de movimentos, de difícil correção posterior.

Uma outra abordagem sugere que:

A criança demanda tarefas didaticamente diferentes em relação às particularidades de seu desenvolvimento psicofísico. D. MARTIN (1982 *apud* HAHAN, *op. cit.*) classifica estas fases por faixa etária, propondo a partir daí atividades adequadas à evolução da capacidade de assimilação infantil. Assim, formação global. Dos 9 aos 10 anos a iniciação técnica teria lugar, com atividades específicas. A iniciação competitiva apareceria apenas por volta dos 11 aos 13 anos. A preparação física deveria ser iniciada aos 17 anos e, aos 16, finalmente voltar-se-ia a atenção para o polimento técnico, aumento do volume de treino e competições regulares." (FARINATTI, 1995, p. 42-43).

3 METODOLOGIA

Este foi um trabalho de caráter Bibliográfico, não havendo necessidade de coleta de dados como na Pesquisa de Campo.

Após ter definido o tema do trabalho a ser desenvolvido, sentiu-se necessidade de arrecadar o maior número de bibliografias possíveis sobre a Competição nas aulas de Educação Física Escolar.

Fez-se então, um fichamento de cada bibliografia para que pudesse ser usado na revisão de literatura, parte principal deste trabalho.

Feito o fichamento, dividiu-se este material em 3 partes: histórico da Educação Física Escolar brasileira, definições e ponto de vista dos autores.

Com o fundamental auxílio da Professora Orientadora, Letícia Godoy, em todas as etapas do desenvolvimento e através de encontros semanais, a revisão bibliográfica foi sendo desenvolvida tomando o rumo desejado até que fosse concluído.

4 CONCLUSÃO

Segundo autores pesquisados, como GHIRALDELLI (1988), TOLKMITT (1997), KOLYNIK (1996), FREIRE (1989) e outros, ao finalizar este trabalho concluímos que a Competição está presente na Educação Física com base na Tendência Higienista, que visava um homem sadio, passou-se a uma Concepção Militarista, em que o fundamental objetivo era deixar o homem apto a defender a pátria, tendo um corpo forte capaz de lutar e vencer. Passou-se então para uma abordagem Pedagogista que vem propor a educação pelo movimento, partindo-se do pressuposto que o aluno terá uma percepção do seu corpo no meio em que vive.

Foi a partir da Tendência Competitivista da Educação Física que deu-se maior ênfase a caracterização da Competição dentro das aulas de Educação Física Escolar, em que o aluno passou a ser visto como atleta e o professor como técnico.

A Competição pode ser considerada como uma categoria do jogo, pois começa e termina em si mesma, apresentando experiências que trarão ao indivíduo maior adaptação emocional, social e motora.

O homem compete consigo mesmo e no grupo a que pertence a é muito importante que vivencie as duas faces da Competição, ganhar e perder, pois a Competição não é apenas feita de glórias.

As opiniões divergem entre os autores, algumas sendo contra outras a favor da Competição Escolar.

FREIRE (1989), é contra a Competição Escolar como é esta hoje. Vencer a qualquer custo, esta é a atual visão da Competição Escolar. A Educação Física Escolar tem preocupado-se em formar campeões que elevem o nome da escola, da cidade ou do país e deixou de preocupar-se com a individualidade do aluno e principalmente com suas limitações.

BRACHT (sem data), citado por MIYAGIMA (1989) também concorda que a Competição é completamente desprezível quando os competidores transformam-se em inimigos e buscam a vitória a qualquer custo.

Porém, BRACHT (sem data), diz que ela pode ser bem-vinda no meio escolar quando os alunos respeitarem seus colegas de jogo, tendo-os como companheiros.

DAIUTO (1983), citado por MARCHI (1994) um dos autores favoráveis a Competição na escola durante as aulas de Educação Física, acredita que a escola seja um meio para selecionar alunos hábeis e com qualidades desportivas para que sigam uma carreira de atleta, podendo participar de Competições de alto nível. Competições estas que devem ser evitadas nas aulas de Educação Física Escolar.

FARINATTI (1995), ainda adverte que é preciso levar em consideração a idade da criança ao inseri-la em atividades competitivas complexas. Deve-se evitar demasiadas práticas competitivas antes dos 10 anos de idade, pois a criança pode não

estar preparada, o que traria interferências negativas no aprendizado.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 – BARBANTI, Valdir. **Dicionário de Educação Física e do Esporte**. São Paulo : Manole, 1994.
- 2 – FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. **Criança e atividade física**. Rio de Janeiro : Sprint, 1995.
- 3 – FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da educação física**. São Paulo : Sprint, 1989.
- 4 – GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista: A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo : Loyola, 1988.
- 5 – HUIZINGA, Johan Homo Ludens. **O jogo como elemento de cultura**; tradução João Paulo Monteiro. 2. ed. São Paulo, 1988.
- 6 – KOLYNIK FILHO, Carol. **Educação Física: Uma introdução**. São Paulo : EDUC, 1996.
- 7 – MACHADO, Afonso Antonio. **Ensaio sobre Educação Física: Esporte e lazer: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro : SBDEF/UGF, 1994.
- 8 – MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Classificação das tendências da Educação Física: uma abordagem filosófica – educacional e ideológica**. Campinas, 1994. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.
- 9 – MIYAGIMA, Cláudio. **O esporte (des) educa?** Revista Motrivivência. O esporte e suas diversas concepções. Sergipe, ano I – nº 2, p. 31-34, 1989.
- 10 – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Educação Física**. S. E. F. Brasília : MEC/SEF, 1997.
- 11 – SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade**. CDD. 20 ed. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, sem data.

- 12 – TANI, GO. **Cinesiologia, Educação Física e Esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica.** *Motus Corporis*. Revista de Divulgação Científica do Mestrado em Educação Física. Vol 3 – nº 2 Ed. Central – UNIV. GAMA FILHO, 1996.
- 13 – TOLKMITT, Valda M. **Currículo básico para a Escola Pública do Estado do Paraná: Educação Física.** Curitiba, 1997.
- 14 – VIANA, Miguel Faro. **Competição, ansiedade e auto-confiança.** Revista Treino Desportivo, Vol. 2, nº 13, p. 25-34. Lisboa, 1989.